

Entrevista :¹

PROF. DR. CLAUDE RAFFESTIN
Universidade de GENEBRA

Entrevistador:
Marcos Aurélio Saquet

Marcos Aurélio Saquet: Como você iniciou sua formação e atuação acadêmica, como professor e pesquisador em geografia?

Claude Raffestin: Eu fiz meus estudos universitários em Genebra, seguindo uma tradição um pouco particular, considerando que eu combinei como era possível fazê-lo nessa cidade, a geografia, a história e a economia. É preciso dizer que entre 1956 e 1960, não havia muitos estudantes que pleiteavam um diploma de geografia. Depois de 1960, com a chegada do professor Paul Guichonnet, as coisas mudaram muito na medida em que ele impulsionou significativamente a geografia universitária que não tinha, antes dele, grande reputação em Genebra. Eu, aliás, realizei minha tese com ele em 1968.

Entre 1960 e 1968, eu ensinei em várias escolas secundárias, no cantão de Genebra, para ganhar a vida. Entre 1961 e 1962, eu decidi, paralelamente às minhas atividades docentes, preparar uma tese de doutorado e escolhi trabalhar com um ensaio de Geografia industrial de Genebra que era, naquele momento, um centro de indústrias diversificadas, o que não ocorre mais na atualidade. Essa tese foi apresentada em 1968 e como ela atraiu um pouco a atenção, a Universidade de Genebra me ofereceu um posto de pesquisador antes de fazer um concurso para me tornar professor em 1971.

Eu devo reconhecer que, depois de meus estudos universitários, não tendo a oportunidade de estudar no estrangeiro, eu li muito e minha formação foi, em parte, aquela de um autodidata. Sem dúvida, eu conservei, dessa época, um gosto muito grande pelas leituras extensas, não apenas em geografia, mas em muitos outros domínios. Dessa época eu também conservei o hábito de falar para os estudantes que eles deveriam ler muito e em muitos domínios do conhecimento. Com efeito, minhas raízes intelectuais são tanto em geografia quanto em história, tanto em economia quanto em antropologia e em filosofia. Hoje, isso parece herético porque nós estamos em uma época de intensa especialização, mas é sem dúvida, mesmo não sendo recomendável, o que me permitiu renovar, um pouco, a geografia política. É dessa época que eu conservei, também, o hábito de ler obras originais e não os comentários sobre elas. É dessa maneira que eu adquiri o hábito de questionar tudo o que eu lia, não criticando no sentido clássico da palavra, mas identificando para tentar ir além, um pouco mais longe, e para melhorar o mais possível a minha reflexão. Eu fiz isso pela geografia política, que não me satisfazi mais e ensaiei propor outra coisa na geografia do poder. A maneira pela qual eu organizei e escrevi o livro *Pour une géographie du pouvoir* é bastante reveladora de meu modo de pensar.

MAS) Quais foram as situações mais importantes e que mais marcaram sua atuação política como professor e pesquisador?

CR) Quero salientar, a esse respeito, o peso das origens sociais e do vivido. Minhas origens são muito modestas: eu venho de um ambiente operário no qual não se faziam estudos por causa da falta de dinheiro. Eu sou o primeiro da minha família a ter feito um curso universitário. É evidente que isso marca muito porque a gente se situa entre dois mundos: aquele do qual se provém, que nos moldou com muitas maneiras diferentes, mas do qual a gente se distanciou também porque não se

¹Entrevista realizada pelo Prof. Dr. Marcos Aurélio Saquet – Unioeste/Francisco Beltrão, em novembro de 2006, Turim, Itália. Traduzida do italiano para o português pelo Professor Dr. Eliseu Savério Sposito – UNESP/Presidente Prudente.

continuou em direção a ele e, depois, há aquele no qual a gente chegou por causa do trabalho, o mundo universitário, do qual não se faz parte totalmente porque chegar aí foi, para mim, um feliz acidente. Para quase todos os meus colegas, saídos da classe média ou da alta burguesia, ter feito um curso universitário e ter se tornado professor na universidade estava na ordem das coisas, o que não era, em nada, o meu caso. Para mim, foi necessário superar um certo complexo de inferioridade, e mais tarde, muito mais tarde porque eu compreendi como as coisas se passavam, e eu precisei evitar cair no extremo oposto. Hoje em dia, a universidade é muito menos burguesa e as relações nela são muito menos formais que no passado e, provavelmente, a atual hiperespecialização contribuiu para mudar as coisas. A tecnicidade extrema substituiu a cultura. Eu não sei se é melhor ou não, mas é assim. Eu digo isso porque eu fui muito influenciado pelo pensamento de Alexander von Humboldt que, dando grande importância às técnicas, sabia combiná-las com uma cultura refinada. Claro que isto não é mais possível, mas pelo menos é necessário se preocupar com essa perda cultural que ameaça a própria existência das ciências humanas. Uma geografia que não contribuiria com as artes e com a literatura não teria compreendido alguma coisa como a renovação que se faz pelas margens. Eu poderia citar muitos autores considerados marginais que ajudaram a me forjar com um pensamento livre e autônomo.

Eu nunca procurei dissimular minhas idéias de esquerda, não de uma esquerda engajada em um partido político, mas de esquerda engajada na denúncia, principalmente na tentativa de erradicação das injustiças sociais mais gritantes. Eu me sentia, na minha juventude, sempre muito próximo de um pensador como Albert Camus cujas origens, Argélia à parte, me lembram muito as minhas. O absurdo e o sofrimento da existência foram, para mim, como para ele, temas de reflexão e de aprofundamento. Seu talento lhe permitiu criar uma obra cuja universalidade não é discutível. Minha falta de talento literário me orientou para as ciências humanas. É por isso, sem dúvida, que minhas primeiras grandes pesquisas se direcionaram para os problemas de geografia social e, mais particularmente, sobre as migrações, em geral, e sobre as migrações pendulares, em particular. Eu dirigi, a partir de 1969, uma grande pesquisa sobre as migrações quotidianas do trabalho, e era a primeira pesquisa sobre o que chamamos de Região franco-valdo-genebrina, os «fronteiricos»². A assistência com a qual eu trabalhei então, que talvez hoje tenha desaparecido, encontrou uma excelente fórmula para caracterizar esses pendulares : «um proletariado ao serviço de Genebra ou o limite dos 1000 francos». As coisas mudaram, hoje, felizmente, para esses trabalhadores, ainda mais numerosos que no passado, mas nós combatemos ao seu lado porque o Estado de Genebra, que cobrava impostos na fonte, restituiu uma parte de seus impostos à França. Por causa desta tomada de posição, eu fui acusado de ser um mau suíço e um mau genebrino, enquanto que eu não fazia mais que reclamar um pouco de justiça para os trabalhadores maltratados, ao mesmo tempo, pela Suíça e pela França.

Quando eu estudei os cadastros franceses para saber qual era a importância da propriedade imobiliária suíça na França, constatei que ela era pouco importante e eu pude mostrar aos meios imobiliários genebrinos e franceses que os suíços não estavam na origem do crescimento do preço do terreno, na região, como era o hábito de explicá-lo.

Tendo feito uma tese sobre a indústria genebrina, eu denunciei, inúmeras vezes, as condições salariais na indústria para provar que as dificuldades industriais não eram causadas pelos salários muito elevados, nem pela falta do setor de serviços, mas pelos erros de gestão e de falta de capacidade de previsão dos industriais

Quando ocorreu o acidente de Seveso, perto de Milão, em 1976, em uma indústria química que pertencia à Givaudan (isto é, Roche, grande multinacional da Basileia), eu fui interrogado pela televisão suíça que me perguntou se um acidente desse tipo seria possível na Suíça. Eu, naturalmente, respondi que, malgrado todas as precauções que se tomavam, era possível: eu fui proibido na televisão durante os anos que se seguiram à intervenção, junto à TSR, pela empresa. Pouco depois, o grave acidente de Schweizerhalle ocorreu perto de Basileia: aí eu fui reabilitado,

² No original, *les frontaliers*.

há um mês, em fevereiro de 2007! É evidentemente risível e é preciso considerar o fato como tal, mesmo se, no fundo, é perfeitamente doloroso do ponto de vista sociopolítico.

Eu poderia, certamente, multiplicar os exemplos,mas isso seria maçante. O que eu quero dizer é que não é possível fazer a geografia sem se constituir, ao mesmo tempo, uma consciência geográfica crítica. Construir uma consciência assim significa estar na posição de denunciar sem cessar que o envelope espaço-temporal, gera a injustiça e o sofrimento. Não é uma tarefa de bons sentimentos, é uma questão de consciência. Eu sei que a filosofia de Camus foi ridicularizada por Sartre, mas neste caso, para parafrasear uma célebre observação que inverte o papel dos personagens, eu prefiro ser ingênuo com Camus que realista com Sartre.

No mesmo sentido da idéia, eu sou absolutamente contrário e hostil ao realismo geopolítico de um Lacoste cuja fórmula «a geografia serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra» é a negação mesma de um pensamento geográfico pois a geografia serve, também e muito mais, para fazer a paz. O pseudo-realismo da geopolítica é, em geral, uma falta total de senso crítico no longo prazo. Todos os conflitos desde a famosa guerra do Golfo em 1991 demonstraram a inutilidade da geopolítica a longo prazo. É necessário pensar, hoje, de outra maneira, e isto é urgente. A catastrófica guerra do Iraque e lamaçal afegão são exemplos que deveriam incitar os geógrafos, não para prescrever, mas para «descrever de uma maneira crítica».

Uma ciência que não é útil em todos os contextos possíveis não é verdadeiramente uma ciência. Uma vez me deram um tema que era «geografia e tortura» e eu o estudei, mas isso não quer dizer que um geógrafo possa e deve se exprimir sobre tudo, mas quando ele não deve e não o pode, ele deve saber por quê, dizê-lo e calar-se, senão a geografia não é uma ciência.

A geografia da qual falo não foi muito útil, em todo caso, para evitar como os que dilaceram, atualmente, várias regiões do mundo. Começamos somente agora a descobrir que a reflexão geopolítica sem uma reflexão renovada sobre as escalas não tem nenhum interesse. Os americanos encalharam no Iraque porque eles não souberam comandar o conflito na pequena escala e desde o começo eles não souberam se adaptar à grande escala. Eles vão partir do Iraque como eles partiram do Vietnam. Eles são, frequentemente, vencedores na pequena escala graças à sua tecnologia e vencidos na grande escala.

MAS) Como nasceu o livro “Por uma geografia do poder” (em que contexto)? Nesta obra, a discussão sobre a relação espaço-território é central. Como você diferencia estes dois conceitos?

CR) Quando eu fui nomeado em Genebra, em 1968, me atribuíram uma disciplina de geografia histórica e de geografia política. Depois de me preparar de maneira bastante aprofundada sobre o que havia, de fato, em geografia política em francês, inglês, alemão, espanhol e italiano (lamento de não ter consultado as fontes em português!), eu me dei conta que, alguns autores postos à parte, eu não estava totalmente satisfeito e, claro, não estando contente com aquilo que fazia, eu temia que os estudantes se aborrecessem e esta é a razão por eu ter me colocado a pensar uma outra maneira de fazer a geografia política. Eu trabalhei uma dezena de anos para encontrar novas pistas e comecei a entrever, em 1976, quando eu era professor convidado em Québec, uma maneira de renovar a geografia política através de empréstimos conceituais e uma certa invenção conceitual.

Quando eu escrevi o livro, o ambiente intelectual era particularmente estruturalista e a influência saussuriana não era negligenciável através de homens como Barthes, Greimas, Prieto etc. Eu sempre achei que a fraqueza da geografia enquanto *corpus* científico vinha de sua incapacidade de forjar conceitos que pudessem articular-se uns aos outros. Tomemos o exemplo do espaço e do território. Em uma certa época, a distinção não era feita e não parecia representar grande interesse.

Não fazer a distinção entre o espaço e o território é como não fazer a diferença entre o mineral de ferro e uma ferramenta feita pelo homem. Entre os dois se intercalam numerosas etapas e numerosos processos que fazem as culturas intervirem no sentido antropológico do termo. Eu considerei o espaço, de forma axiomática, como aquilo que era dado e o território como o que eraproduzido, a partir do espaço, pela ação humana, o que restitui todo seu valor ao trabalho (energia informada) e à cultura como programa complexo próprio a cada sociedade.

Encontramos o mesmo esquema de análise para as fontes que não são, na minha opinião, naturais porque é necessário ter uma intersecção entre os materiais naturais e uma ou várias técnicas para se obter um recurso. O petróleo é um recurso há apenas 150 anos e é um recurso que não parou de se desenvolver com as técnicas de extração, a invenção dos motores, as técnicas de destilação etc.

Eu acredito que a lição que deve ser aprendida da geografia do poder é essencialmente das técnicas de invenção conceitual e as possibilidades de gerar, a partir de alguns elementos, uma grande diversidade conceitual. Eu acho, em particular no que concerne à análise do poder a partir do pensamento de Foucault, a análise das línguas, das religiões etc., que convém aperfeiçoar, mas procurando sempre as relações que existem entre esses diferentes elementos de maneira que se possa criar um *corpus* utilizável para a geografia que não seja mais um *corpus* tirado da linguagem quotidiana, mas de processos analíticos renovados.

A renovação da geografia passa pelos esforços de construção conceitual para poder elaborar diversas teorias sem a utilização das quais não se pode ter, aí, progressos reais. Se isso não ocorrer, não teremos compreendido que, antes de toda pesquisa de campo, é necessário ter construído os conceitos para testá-los quando de sua aplicação, senão a geografia ficará como uma acumulação de dados mais ou menos em forma, mas sem grande interesse.

MAS) Outra constatação importante que tive, é que os conceitos de território e territorialidade são fundamentais em sua abordagem. Por quê? Podemos dizer que os conceitos de território e territorialidade foram centrais na construção da geografia crítica do pós-1960-70?

CR) Eu não sei se são esses os conceitos que foram centrais, mas o que eu creio é que é muito mais a maneira pela qual eu os defini que foi central. Eu os elaborei uns em relação aos outros, um pouco como se faz na geometria. É o método que pôde ser útil para a geografia crítica, muito mais, talvez, que os conceitos, eles mesmos, que existiam mas que não haviam sido repensados. A territorialidade existia na etologia animal, mas não havia sido estada na geografia humana com a definição que eu tentei lhe dar.

Para se ter uma geografia crítica, é preciso saber de quais ferramentas dispomos e o que podemos identificar com essas ferramentas. Criticar significa, essencialmente, identificar e não destruir, como se diz. Deve-se desconstruir no sentido que deu Derrida para tentar eliminar os reflexos dados ao uso repetido de certas partes da linguagem.

MAS) Atualmente, qual é a importância da geografia e da atuação do geógrafo na Suíça?

CR) Como você sabe, eu não estou mais na ativa, mas sou professor honorário e, evidentemente, estou a par do trabalho que se faz, atualmente, em geografia, tanto que como você sabe, da mesma maneira, eu estou mais frequentemente na Itália que na Suíça. Dito isto, eu creio que podemos considerar que a geografia se orienta, sempre mais, em direção ao ordenamento do território, a proteção do meio ambiente e a geografia dos riscos. Como você pode constatar, trata-se de uma geografia muito prática e útil para os problemas atuais. Há, também, um perigo para o pensamento geográfico que é transformar a geografia, por meio das técnicas cartográficas utilizando o computador, em uma pura técnica de representação.

Há, entretanto, muito a fazer e eu darei alguns exemplos. A geografia não dispõe de uma teoria da densidade e da concentração: as duas coisas estão ligadas porque a densidade clássica (hab./km²) representa a concentração no nível zero e a concentração é um modelo de distribuição não apenas no espaço mas também no tempo. Como se pode fazer, de maneira viável, a geografia sem uma teoria da densidade?

A geografia não dispõe de uma teoria da própria regulação se ela está cheia de mecanismos reguladores que nunca foram, verdadeiramente, levados em conta.

A cartografia dispõe de uma teoria das escalas, mas a geografia não dispõe de uma que lhe seja própria. Quando há necessidade, ela é derivada da cartografia. Eu também esbocei uma há uma

vintena de anos mas ele permaneceu confidencial. Ela vai ser divulgada em breve, daqui a algum tempo.

Esses são apenas alguns ejemplos, mas há muitos outros. A geografia não se renova porque ela sofre de um déficit teórico que está se tornando dramático.

É necesario parar de jogar com noções tiradas da linguagem corrente e do quotidiano, que são elevadas à dignidade imerecida de conceitos. Nós não podemos, em nenhuma hipótese, trabalhar a não ser com conceitos construídos e pacientemente adaptados às nossas necessidades.

MAS) Atualmente, como estão organizadas suas pesquisas? Percebi que você tem dado bastante atenção ao conceito de paisagem. Por quê?

CR) Ficando mais velho e não tendo mais acesso aos equipamentos universitários, eu organizo minhas pesquisas em torno de certos temas que eu desejo repensar, ou até mesmo renovar. Se eu estou interessado na paisagem enquanto eu fui muito crítico a respeito desse conceito, há uns trinta anos, é para lutar contra uma tendência que confunde a realidade material com sua imagem.

Não é suficiente dizer, como Berque, que o conceito serve para exprimir a realidade e sua percepção, é preciso ainda mostrar por que isso é perigoso. Eu me inspiro muito, para tentar compreender isso, no filósofo Clément Rosset, que escreveu uma obra muito interessante sobre a “idiotia do real”, compreendendo a palavra *idiocia* no seu sentido grego que significa único. A realidade material é única, mas ela é suscetível de representações múltiplas ou, digamos, até infinitas de um ponto de vista estritamente teórico. Quando eu escrevi a obra sobre a paisagem, eu estava perfectamente consciente desta unicidade do real que eu não podia compreender a não ser a través das representações, mas eu não havia descoberto, ainda, Clément Rosset, que me forneceu as chaves teóricas para agrupar, ulteriormente, meu pensamento. Esta maneira de fazer, para mim, é característica de minha maneira de fazer pesquisa. Toda pesquisa, para mim, é sempre aberta e deve ser retomada a partir de novos conhecimentos.

Eu considero as representações como um dos instrumentos para fraturar o real. Eu junto a esta entrevista um texto não publicado³ que te fará compreender como eu trabalhei no caso do livro sobre a paisagem. É um texto que eu preparei para uma conferência pronunciada há alguns anos nos “Arquivos Piaget”, em Genebra, cujo diretor era, na ocasião, Jacques Vonèche.

A paisagem, em relação à realidade material, constitui uma imagem-instrumental capaz de me permitir intervir em uma multiplicidade de domínios.

³ O texto está no n. 14, vol. 2 da Revista Formação: *E se a representação fosse apenas a invenção da moeda fiduciária do real ?*, de Claude Raffestin.